

memória CULT



Ouro Preto - MG - Brasil - Ano XII - nº 34 - dezembro de 2022

memoriacult.com.br



O Cabral que achou o Brasil
por Elizabeth Santos Cupello 

ENTREVISTA
Eduardo Costa 

Educação Patrimonial na Casa dos Contos
por Guilherme Queiroz de Macedo 

TEM ASSEMBLEIA NA SEGU RANÇA



**PARA
VOCÊ
SEGUIR
EM PAZ.**

Onde tem você, tem o trabalho da Assembleia Legislativa.

Quando a **Assembleia** fiscaliza, o dinheiro público é mais bem usado e faz a diferença na vida dos mineiros.



almg.gov.br/fiscaliza
Acesse e veja o que a Assembleia fez e faz.

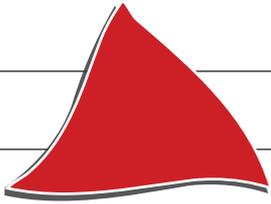


**ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA
DE MINAS GERAIS**

Poder e voz do cidadão




www.artsrealiza.com.br



EDITORIAL

EUGÊNIO FERRAZ

Diretor Executivo e Editor Geral da Memória CULT

Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do IHGMG. Servidor do Ministério da Fazenda desde 1974, foi seu Superintendente em MG de 1998 a 2011 e, a seguir, Diretor-Geral da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais



Caros leitores:

Excelente Natal e um 2023 cheio de sucesso e realizações a todos.

Neste número 34, talvez o último impresso, por absoluta falta de apoio oficial suficiente, e para não se tornar uma revista meramente mercantilista, o entrevistado é o jornalista Eduardo Costa, famoso personagem da comunicação em Minas Gerais.

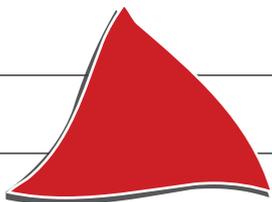
A seguir, o promotor e desde sempre pelas causas do patrimônio mineiro Marcos Paulo de Souza Miranda, nos apresenta o personagem Vandelli, professor dos Inconfidentes, em um primoroso trabalho de resgate histórico.

Segue importante artigo da vice-presidente do Instituto Cultural Visconde de Rio Preto de Valença, RJ, Elizabeth Santos Cupello, versando a descoberta do Brasil.

Sobre Carlos Drummond de Andrade, o desembargador e historiador Bruno Terra Dias demonstra suas qualidades literárias com a análise do Poema de Sete Faces.

E, finalmente, o professor Guilherme Queiróz de Macedo faz algumas reflexões sobre Ações e práticas passadas de Educação Patrimonial na Casa dos Contos de Ouro Preto.

Boa leitura.



SUMÁRIO



O Cabral que achou do Brasil
Elizabeth Santos Cupello **15**



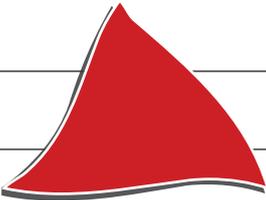
Educação Patrimonial na Casa dos Contos
Guilherme Queiroz de Macedo **23**

Página do Artista | Capa
Portinari **04**

Entrevista
Jornalista Eduardo Costa **05**

Domingos Vandelli: O professor dos Inconfidentes
Marcos Paulo de Souza Miranda **09**

Poema de sete faces
Bruno Terra Dias **20**



EXPEDIENTE

Agradecemos o envio de críticas, sugestões e comentários para o aprimoramento desta revista: memoriacult@gmail.com. A Memória **CULT** poderá editar manifestações de leitores selecionadas para publicação, não necessariamente na edição subsequente.

ESPAÇO DO LEITOR

Caro Eugênio, a revista memóriaCult está cada vez melhor, com excelentes artigos acerca da memória histórica de Minas e do Brasil...insuperável”

José Neto
empresário, ex prefeito de
São Lourenço, MG

EDIÇÃO ANTERIOR



A edição número 33 da Memória CULT trouxe um belo artigo sobre a história do Rio Pomba, do Prof. Manoel Hygino dos Santos, dentre vários outros. O entrevistado foi José Anchieta da Silva.

Acesse todas as edições da revista memória CULT em www.memoriacult.com.br

memória **CULT**

Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil - ano XII - nº34 - dezembro de 2022

Diretor Executivo e Editor Geral | Eugênio Ferraz - engenheiro e jornalista - reg.: 8.172-MG

Projeto Gráfico | Raphael Simões

Revisão Ortográfica | Acácio Cândido da Silveira Santos

Foto da capa | Eugênio Ferraz

As manifestações expressas em artigos são de inteira responsabilidade dos respectivos autores e não refletem, necessariamente, a opinião da publicação.



PORTINARI



Anjo de Portinari

Cândido Portinari nasce em 30 de dezembro de 1903, numa fazenda de café perto do pequeno povoado de Brodowski, no estado de São Paulo. Filho de imigrantes italianos, de origem humilde, tem uma infância pobre. Recebe apenas uma instrução primária. Desde criança manifesta sua vocação artística. Começa a pintar aos 9 anos. E - do cafezal às Nações Unidas - ele se torna um dos maiores pintores do seu tempo.

O tema essencial da obra de Candido Portinari é o Homem. Seu aspecto mais alto do grande público é a força de sua técnica social. Menos conhecido, há também o Portinari lírico. Essa outra vertente é povoada por elementos das reminiscências da infância na sua terra natal: os meninos de Brodowski com suas brincadeiras, suas danças, seus cantos; o circo; os namorados; o camponeses ... o ser humano em aspeços de ternura, solidariedade, paz.

Pela importância de sua produção estética e pela atuação consciente na vida cultural e política brasileira, Candido Portinari alcança reconhecimento dentro e fora do seu País. Essa afirmação de seu valor se expressa nos diversos convites recebidos de instituições culturais, políticas, religiosas, para realização de exposições e criação de obras; nos prêmios e honrarias obtidos nas mais diferentes partes do mundo; na aura de amizade e respeito construída em torno de sua imagem; no orgulho do povo brasileiro, tão bem representado em sua obra.

Fonte: <http://www.portinari.org.br>

Eduardo Costa, um comunicador por excelência

*por Petrônio Souza - jornalista e escritor | julho de 2022



Referência no jornalismo mineiro com atuações marcantes tanto no Rádio quanto na Televisão, Eduardo Costa é um desses profissionais que fez da sua vocação um sentido de vida, uma profissão de fé diária. Com mais de 40 anos de carreira, sempre à frente dos principais veículos de comunicação de Minas Gerais, hoje ele se aventura também na literatura e vai, aos poucos, dando seu testemunho profissional e registrando o jornalismo mineiro nos últimos cinquenta anos. Nesta entrevista ele conta é um pouco dessa história.

Eduardo, você é um comunicador por excelência, fez carreira no Rádio quando o espaço radiofônico era ocupado por locutores tradicionais... Dá para

rememorar e fazer um paralelo entre o Rádio de quando você começou para o de agora?

Quando eu comecei no Rádio não havia jornalista diplomado, era raro um jornalista formado por faculdade nos veículos da capital. Estava na Rádio Guarani e eu fui o primeiro a ter um diploma na emissora. O jornalismo no Rádio era feito por gente qualificada, mas sem formação acadêmica. Então, eu sou parte dessa transição no jornalismo radiofônico. Não havia por aquela geração anterior uma preocupação maior em me isolar, porque cheguei querendo aprender com eles, pois eu era um jornalista de fato e eles eram de direito.



Eu era bancário, com uma carreira que se consolidava com muita firmeza no banco, que era a referência profissional de minha geração. Mas sempre fui fã do veículo Rádio.



Foi assim que eu aprendi muito naquele universo consolidado no Rádio da época. Cheguei até a tentar impostar minha voz, mas não era essa a minha forma de me comunicar. Me assumi de forma natural e assim fui aceito e conquistei meu espaço. Era um tempo lúdico, romântico, de fantasias, pois o Rádio era um canal que exigia isso. Era o tempo dos fantasmas das cidades, da Loira do Bomfim, com entrevistas e depoimentos, com os radialistas dando vida e emoção àquilo, romantizando o dia-a-dia urbano, ganhando fãs, recebendo cartas... Eles eram verdadeiros ídolos de muitas moças, com aqueles vozeirões. Era um veículo muito romantizado. Essa talvez seja a grande diferença, o Rádio hoje precisa ser exato.

E sua carreira no jornalismo, como tudo começou?

Eu era bancário, com uma carreira que se consolidava com muita firmeza no banco, que era a referência profissional de minha geração. Mas sempre fui fã do veículo Rádio. Meu ingresso no jornalismo foi fruto do acaso. Quando fui ajudar uma colega no banco, ela me indagou se eu iria prestar vestibular. Afirmar que sim, para Letras, quando ela me falou: 'não, você é muito prestativo, faça para jornalismo, na minha faculdade, a FAFI, as inscrições estão abertas'... Fiz, passei, e nas primeiras aulas me apaixonei. Era aquilo que queria. Fiquei mais dois anos no banco, vendi meu carro, um fusca, e dei continuidade ao que meu coração pedia. Fiz estágio e troquei o trabalho no banco por um banco de estúdio de Rádio.

Nesses anos todos, quais são as melhores memórias da sua carreira?

São muitas lembranças. Muitos anos, muitas coberturas, quatro décadas, né... Aquela matéria da década de 1990, quando cobri a rebelião de presos do presídio de Nova Contagem

que se refugiaram em Juiz de Fora e lá mantaram um coronel, que era refém, foi um acaso que ganhou repercussão mundial na época e me marcou muito. Nesse mesmo ano, pouco tempo depois dessa cobertura, fui convidado pelo governo norte-americano para participar de um encontro internacional de jornalistas lá, para tratar do combate às drogas. Depois, acompanhei desde Roma a vinda do Papa João Paulo II ao Brasil, viajando no avião papal e fazendo a transmissão ao vivo da viagem via satélite, o que era uma novidade para a época. Poses de presidentes, Fernando Collor. Instalação e proclamação da Constituinte e da Constituição em 1986 e 1989. Vivi intensamente o jornalismo nessas quatro décadas. Tenho muitas memórias para contar para meus netos.

E como foi essa transição do Rádio para a televisão?

Sempre tive convite para fazer televisão. Mas sempre acreditei ser um veículo frio. Isso tudo porque eu sempre trabalhei paralelamente no jornal impresso também, fazendo cobertura de matérias de Cidades. Mas depois dos 50 anos, aceitei o convite da Record e o desafio. Me sinto bem lá. Estou há quase 15 anos no ar. Mas sou essencialmente um homem do Rádio.

E qual a receita para manter a audiência e a credibilidade no Rádio e na televisão?

O tripé que faz o rádio, a televisão, a comunicação, é um só: é a credibilidade, que gera audiência e conseqüentemente o faturamento. É a credibilidade que sustenta isso tudo. É apurar, falar simples, comunicar mesmo. Respeitar o ouvinte. O espectador. Inspirar quem te escuta. Ser solidário com as situações vividas. Enxergar e dar voz ao outro. É não complicar, saber que alguém acredita em você e que isso faz você estar comprometido com aquela pessoa, sem você saber quem é.

Sempre tive convite para fazer televisão. Mas sempre acreditei ser um veículo frio. Isso tudo porque eu sempre trabalhei paralelamente no jornal impresso também, fazendo cobertura de matérias de Cidades.



*O Rádio é isso,
sempre passou
por desafios.
Primeiro foi a
televisão, na
década de 1950,
decretando o
fim do Rádio.
Depois a internet,
nas décadas de
1980 e 1990.*



Você também tem se dedicado à literatura, conta um pouco para a gente des-sa sua faceta e dos projetos futuros na literatura e no jornalismo impresso.

Isso tudo nasceu de forma espontânea. Tudo foi uma somatória de acontecimentos. Primeiro foi a Nair Prata, uma colega do Rádio, fazendo um livro de crônicas, do qual participei e gostei da experiência. Depois resolvi fazer um livreto sobre o programa social Vila Viva, da prefeitura de Belo Horizonte à época. Na sequência, o convite do Emanuel Carneiro para o livro comemorativo sobre a rádio Itatiaia nos seus 50 anos, com a colaboração da Kau Martins e da Ludimila Carneiro, que fez as pesquisas. Depois, minha dissertação de mestrado na PUC Minas, que desdobrou no livro do Mercado Central, com a participação dos frequentadores do Mercado. E agora, me aventuro a escrever minhas memórias, um pouco disso que estamos abordando aqui. Não sei se vai se tornar livro, mas vou registrando para a posteridade.

Para finalizar, qual o futuro do Rádio nesse mundo nosso cada vez mais virtual e digitalizado?

O Rádio é isso, sempre passou por desafios. Primeiro foi a televisão, na década de 1950, decretando o fim do Rádio. Depois a internet, nas décadas de 1980 e 1990. O que vejo é que o Rádio que fala da sua cidade, da sua aldeia, como a Itatiaia faz muito bem, nunca vai acabar. Ele é os olhos e ouvidos de um povo, de uma comunidade, tocando música, entretendo, falando bobagens e coisas seríssimas, importantíssimas. Como isso vai acabar? Por que isso vai deixar de existir? Enquanto isso, estarei lá, serenamente, sentando no banco do tempo, dando a última notícia que chegou...



DOMINGOS VANDELLI: O PROFESSOR DOS **INCONFIDENTES**

MARCOS PAULO DE SOUZA MIRANDA

Promotor de Justiça em Minas Gerais.
Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.



Personagem ainda pouco conhecido e estudado no Brasil, Domingos Vandelli foi uma das maiores referências intelectuais e ideológicas de muitos estudantes brasileiros da Universidade de Coimbra no século XVIII e que, posteriormente, tiveram participação de destaque em movimentos emancipadores da colônia brasileira, a exemplo da Inconfidência Mineira (1789), Revolução Pernambucana (1817) e a própria Independência (1822).

Domenico Agostino Vandelli nasceu em Pádua, região de Veneza, na Itália, no dia 8 de Julho de 1735 e foi batizado dois dias depois na Igreja de San Giorgio. Era filho de Francesca Stringa e de Girolamo Vandelli. Ainda menino tomou contato com o mun-

do das ciências, pois seu pai (que pertencia a uma antiga e distinta família de Modena) era médico, cirurgião célebre e professor da Universidade de Pádua. Girolamo Vandelli era, ainda, maçom e membro da Accademia Nazionale dei Lincei, sediada em Roma.

Doutor em filosofia natural e medicina pela Universidade de Pádua (1756), Vandelli celebrizara-se na Europa com publicações sobre botânica, zoologia, hidrografia, termas e águas medicinais. Foi sócio das Academias de Upsala, Pádua e Florença. Trocou correspondências com vários cientistas estrangeiros, entre os quais o mais conhecido é Carl Lineu (1707-1778), de quem era amigo próximo.





Domingos Vandelli | 1735-1816

Em 1764 foi convidado pelo Marquês de Pombal (1699-1782), para integrar o corpo docente que iria lecionar matérias científicas no Real Colégio dos Nobres, em Portugal, para ali se dirigindo. Na sequência, no âmbito da reforma da Universidade de Coimbra (1772), passou a ocupar um lugar na Faculdade de Filosofia, onde foi nomeado lente de Química e de História Natural. Foi também o responsável pela seleção do local da implantação do Jardim Botânico, do estabelecimento do Laboratório Químico e do Museu de História Natural da Universidade de Coimbra, onde se destacou nas áreas de história natural, museologia, arqueologia, numismática, lavoura, mineração, geologia, economia, finanças, indústria, comércio, política, diplomacia etc.

Em 19 de outubro de 1773 contraiu matrimônio, na Paróquia de Nossa Senhora das Mercês, em Lisboa, com Dona Isabel

Matildes Bon, filha de Alexandre Antônio Bon (natural de Veneza) e Maria Rosa Bon (natural de Lisboa). Domingos e Isabel foram pais de Alexandre, Francisco e Maria Luísa (de quem foi padrinho o Visconde de Barbacena).

Foi o grande idealizador e impulsionador da criação da Academia Real das Ciências de Lisboa (1779), da qual foi secretário e membro atuante, publicando diversos estudos sobre temas como agricultura, indústria e o comércio. Pelo perfil dos primeiros sócios e diretores da Academia Real de Ciências de Lisboa percebe-se facilmente que se tratava de instituição fundada e dirigida por maçons e tinha por objetivo, obviamente, a difusão e aplicação, na prática, dos princípios maçônicos. Não foi por outro motivo que a Academia acabou sendo denominada por Diogo Inácio Pina de Manique, Intendente de Polícia de Portugal

e virulento perseguidor de pedreiros livres, como um “*centro maçônico e jacobino*”.

O historiador lusitano Oliveira Marques chega a classificar a Real Academia de Ciências como uma organização paramaçônica. Seus principais dirigentes, o Duque de Lafões e o Abade Correia da Serra, eram notórios e destacados integrantes da maçonaria.

Fizeram parte da Academia, entre outros: Rodrigo de Sousa Coutinho, Luis Antônio de Castro de Mendonça Faro, João da Silva Feijó, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Manuel Inácio Alvarenga, José de Sá Bettencourt, Francisco de Melo Franco, José Basílio da Gama, Manuel Jacinto Nogueira da Gama,

José Alvares Maciel, Joaquim Veloso de Miranda, Simão Pires Sardinha, Manuel Ferreira da Câmara Bettencourt e Sá e José Bonifácio de Andrada e Silva.

De acordo com Maria Estela Guedes, “uma parte significativa da população estudantil, em Coimbra, a partir de 1777, era constituída por portugueses nativos do Brasil. Os que vieram a notabilizar-se, quase todos foram alunos de Vandelli, porque mesmo os estudantes de Leis frequentavam as aulas de História Natural e Química”. Ainda de acordo com a pesquisadora: “a elite criadora da independência do Brasil passou toda sob a lupa do professor paduano”.

Aluno	Início do curso	Curso
Antônio Joaquim Nogueira da Gama	13.07.1787	Medicina
Manuel Jacinto Nogueira da Gama	14.10.1786	Matemática
José de Sá Bettencourt <u>Aciolli</u>	26.10.1784	Filosofia
José Maria da Silveira e Souza	19.10.1784	Leis
Manuel Ferreira da Câmara Bettencourt e Sá	31.03.1783	Leis
José Álvares Maciel	02.11.1782	Filosofia
Lucas Antônio Monteiro de Barros	02.10.1782	Leis
Teotônio Álvares de Oliveira Maciel	02.10.1782	Leis
José Vieira Couto	10.10.1774	Filosofia
Francisco de Melo Franco	19.10.1776	Medicina
Joaquim Veloso de Miranda	01.10.1770	Filosofia
Manuel Inácio da Silva Alvarenga	01.10.1768	Cânones

Alunos de Minas Gerais que estudaram com Vandelli na Universidade de Coimbra

Os indícios de que Vandelli doutrinava seus alunos em matérias relativas à maçonaria são evidentes.

Em carta dirigida em 22 de outubro de 1781 ao Visconde de Barbacena (que posteriormente viria a romper com a Academia e go-

vernar a Capitania de Minas Gerais durante o período do movimento sedicioso), Domingos Vandelli escreveu:

“Em minha casa em um dia de cada semana se farão algumas conferências sobre algumas experiências, ou observações

que se devem fazer, e viagens, e para também dispor em outras partes de Sociedades; nestas conferências somente virão os dos meus discípulos nos quais acho talento, génio, e amor patriótico. Dos resultados destas conferências com o tempo darei parte a V. Exa”.

Sobre a correspondência acima, pondera Maria Estela Guedes:

Com que intenção havia um professor de selecionar os alunos pelo amor patriótico? E a que pátria de portugueses nascidos no Brasil se referiria um italiano naturalizado português? O conceito de patriotismo faz parte do dicionário maçónico, e muito em especial do carbonário. Tal como lemos na epígrafe deste ensaio, patriota era o maçom adepto da república. Ora o mais típico maçom republicano é o carbonário. Depois de escolhidos só os alunos patriotas, Vandelli convoca-os para conferências na sua residência particular. Barbacena, sabendo melhor do que nós o que Vandelli e ele congeminam, responde á carta do seu ex-professor, aplaudindo as sociedades económicas a fundar em Coimbra, em Braga e em Valença. Sociedades económicas, eis uma forma discreta de dizer lojas e vendas, espaços onde se compra e vende. Sem dúvida, os lugares de reunião de maçons e carbonários podem com toda a propriedade designar-se por sociedades económicas.

Também em 1781 Francisco de Mello Franco, Manuel Joaquim Henriques de Paiva e António Pereira de Sousa Caldas, todos brasileiros e alunos de Vandelli, foram processados pelo Tribunal do Santo Ofício “acusados de hereges, naturalistas, deístas, blasfemos, apóstatas, tolerantes, dogmáticos, de não seguirem o preceito de abstinência da Qua-

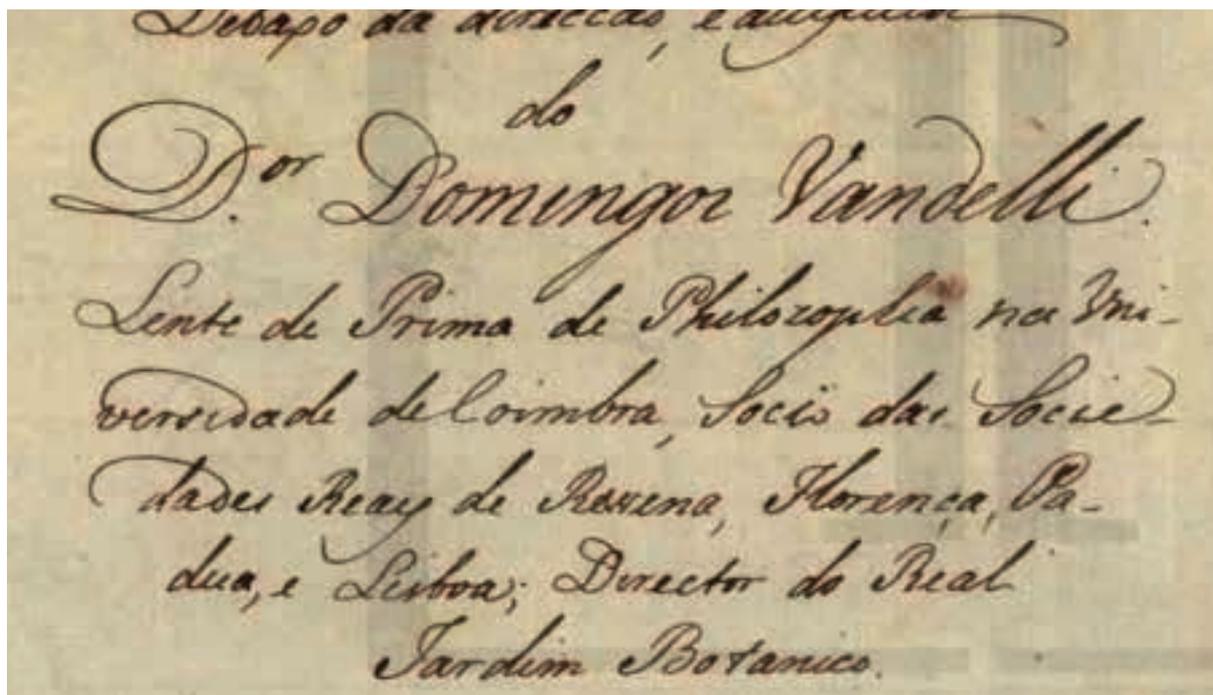
resma, reunindo-se, alta noite, em casa uns dos outros, e às vezes no Laboratório de Química, de que Manuel Joaquim habitava uma dependência, para comerem presuntos roubados, de lerem Rousseau e outros hereges”.

Segundo Marques, Domingos Vandelli era iniciado na Carbonária italiana e na Maçonaria, e alunos como José Bonifácio de Andrada e Silva, José Álvares Maciel, o Visconde de Barbacena, Alexandre Rodrigues Ferreira, Vicente Coelho de Seabra Silva e Teles, João da Silva Feijó, entre outros, receberam em maior ou menor grau influências do funcionamento dessas Fraternidades. No total, cerca de 430 brasileiros se formaram em Ciências em Coimbra desde as reformas de 1772 até o final do século XVIII, fato este que fornece a dimensão da influência que Domingos Vandelli pode ter tido na expansão das ideias revolucionárias

Em 1787 Vandelli foi viver em Lisboa, onde se tornou o primeiro diretor do Jardim Botânico da Ajuda, sendo nomeado Deputado da Real Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação destes Reinos e seus Domínios. Continuou a ser diretor do Laboratório Químico da Universidade até 1791, apesar de estar ausente de Coimbra.

No ano de 1793, em reconhecimento a seus valiosos trabalhos prestados ao reino português, Domingos Vandelli recebeu a importante mercê do Hábito da Ordem de Cristo.

Durante as invasões francesas, entre 1807 e 1811, Vandelli foi acusado de ser afrancesado, jacobino e maçom e, em 1810, com 75 anos, foi preso e deportado para a Ilha Terceira, Açores, juntamente com outros suspeitos, no episódio que ficou conhecido como a “Setembrisada”. Juntamente com professores, médicos, juizes, advogados,



Frontispício de um dos trabalhos científicos de Domingos Vandelli

militares, sacerdotes, frades e homens de negócio, Vandelli chegou à Ilha Terceira em 26 de Setembro de 1810, conduzido na fragata Amazona.

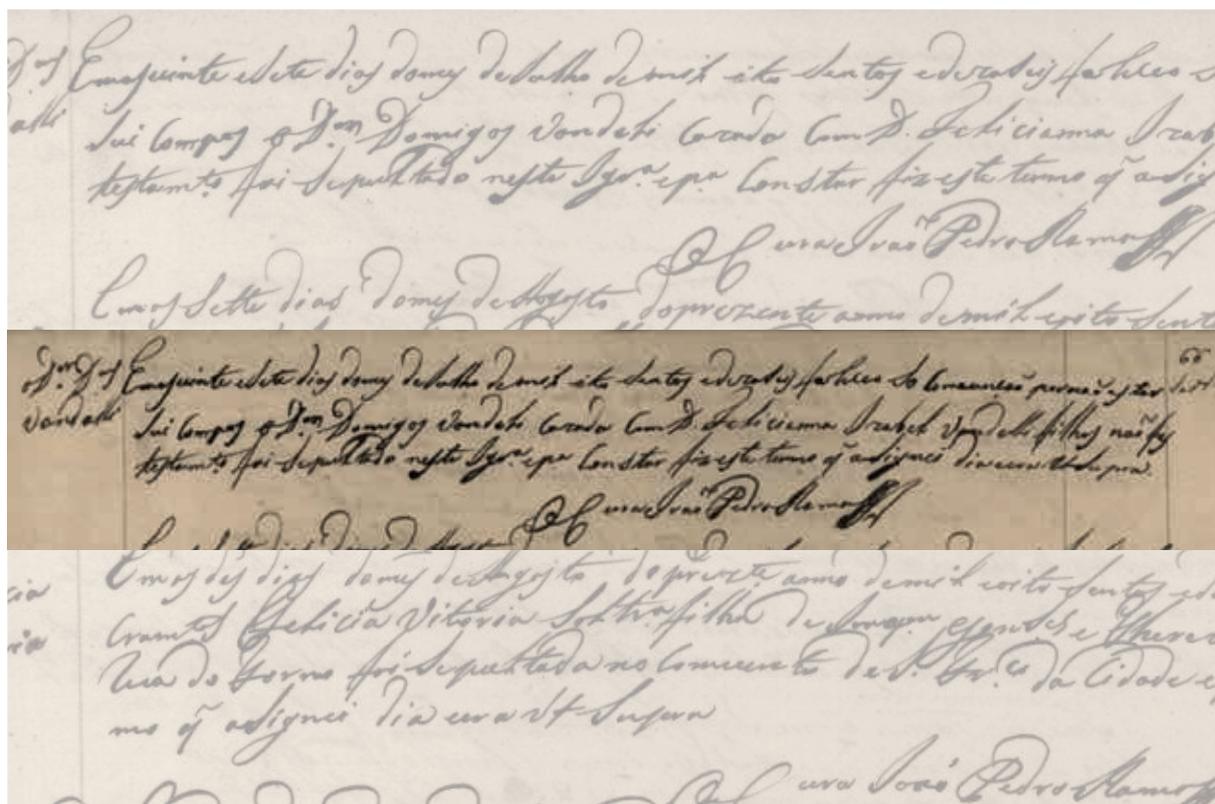
A iniciativa da expulsão foi tomada pelo Intendente Geral de Polícia Jerônimo Francisco Lobo e assim foi justificada pelos Governadores do Reino em carta enviada ao Príncipe Regente: “O sobredito Desembargador Jerônimo Francisco Lobo requereu que para o sossego deste Reino, e nas apertadas circunstâncias em que nos achávamos, se retirassem daqui os chefes dos Pedreiros-Lives, e todos aqueles que acusados gravemente de inconfidência se faziam suspeitosos”.

Pouco tempo depois Vandelli conseguiu se deslocar dos Açores para Inglaterra, de

onde regressou a Portugal em 1815. A saída da prisão se deu graças à direta intercessão da Royal Society of London, academia criada por rosacrúcios e então presidida por Sir Joseph Banks, maçom e amigo do professor paduano.

Domingos Vandelli, o distinto professor dos inconfidentes, faleceu em Lisboa, logo depois de voltar do exílio, em 27 de Julho de 1816, sendo sepultado no interior da igreja de Santa Isabel, naquela cidade.

Alexandre Vandelli, filho de Domingos, casou-se em 18 de fevereiro de 1819, na Paróquia de Arroios, em Lisboa, com Carlota Emília de Andrada, filha de José Bonifácio de Andrada e Silva, considerado o Patriarca da Independência do Brasil.



Assento de óbito de Domingos Vandelli - 1816

REFERÊNCIAS

BARATA, Alexandre Mansur. Maçonaria, Sociabilidade Ilustrada & Independência do Brasil (1790-1822). Juiz de Fora: Ed. UFJF; São Paulo Annablume, 2006.

GUEDES, Maria Estela. Naturalismo & Maçonaria Florestal. Tripov.com

MARQUES, A. H. de OLIVEIRA. História da Maçonaria em Portugal. Lisboa: Editorial Presença, 1990. v.1, p.5

VANDELLI, Alexandre A. Coleção de cartas do Illustríssimo e Excelentíssimo Snr. Luiz António de Castro do Rio Furtado de Mendonça, Conde de Barbacena, e Snr. Abade Correa da Serra dirigidas a Domingos Vandelli, Comendador da Ordem de Cristo, Lente de Prima Jubilado na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, Director do Real Museo e Jardim Botânico do Paço da Ajuda, etc. Que contém algumas notícias sobre a fundação, e primeiros anos da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Bolm Segunda Classe, Acad. Sci. Lisboa, 17: 414-459. 1927.



Pedro Álvares de Gouveia **O CABRAL** que achou o Brasil!

ELIZABETH SANTOS CUPELLO

Advogada, ex-Presidente da Academia Valenciana de Letras; Fundadora e Vice-Presidente do Instituto Cultural Visconde do Rio Preto (Valença RJ).



*Senhor, posto que o Capitão-Mor desta Vossa frota, e assim (mesmo) os outros capitães escrevam a Vossa Alteza, a notícia do achamento desta Vossa terra nova, que agora nesta navegação achou...**

Para entender-se a época do “achamento” do Brasil, é preciso ter-se noção do momento de transição pelo qual passava o mundo. No limiar do século XV, o sistema de navegação estava sendo aprimorado e diversas explorações marítimas se sucediam.

Em Portugal sentiu o Infante D. Henrique a necessidade de, juntamente com filósofos, homens de cultura e conhecimento, através do estudo e observação, melhorar cada vez mais

os instrumentos náuticos e, acima de tudo, contar com embarcações-navios cada vez maiores e mais seguros, para a aventura do mar. D. Henrique transferiu-se para a Vila de Terça Naval, de sua propriedade, junto ao Promontório de Sagres e do Cabo de São Vicente, levando consigo, além de uma coleção de textos, mapas sobre navegação e cosmografia, fez-se também acompanhar de matemáticos, cartógrafos e pilotos de nacionalidades diversas, formando assim a Escola de Sagres.



Com a tomada de Ceuta em 1415, os portugueses iniciaram a conquista do litoral da África; e com a queda de Constantinopla em 1453, transferia-se do Mediterrâneo para o Atlântico o interesse econômico, não só do povo português, como de todos os outros povos civilizados, que também procuravam um novo caminho para o Oriente.

Através do pioneirismo do Infante D. Henrique, de sua ambição pelo conhecimento e de sua vontade de estender os domínios das terras portuguesas para além-mar, devem os europeus, de um modo geral, a passagem da Idade Média e Clássica para a civilização dita Nova e “Moderna”. Com as descobertas, principalmente, portuguesas, o mundo foi aos poucos tendo noção de sua universalidade.

Por possuir um continente estreito, margeando o Oceano Atlântico, e contando com um índice demográfico inferior aos seus vizinhos da Península Ibérica e, ainda assim, tendo competidores que disputavam as aventuras da navegação em Castela e, em grande escala pelos franceses, seguidos pelos ingleses, Portugal precisava incrementar suas viagens marítimas de descobertas e revestilas de total sigilo. Tendo plena consciência que não poderiam conter as investidas das outras potências mais fortes, os portugueses adotaram uma tática de descobrimento: “O Segredo Oficial”. Este tipo de procedimento foi seguido por D. João II (filho de D. Afonso V), sobrinho e herdeiro intelectual do Infante D. Henrique, e após, por D. Manuel I seu sucessor. Portugal manteve esta proposição de valor, ou seja, a não revelação de descobertas oceânicas e terrestres, por aproximadamente um século. Esta poderia ser, talvez, a justificativa da recusa de D. João II às propostas de Colombo à travessia de Lis-

boa à Ásia, através do Oceano Atlântico, pois já devia possuir algum conhecimento sobre terras existentes na rota apresentada pelo navegador genovês. Certamente reservava a iniciativa para o comando português.

Entre outras conquistas, aconteceu a do navegador português, Bartolomeu Dias em 1487, com o objetivo de encontrar a extremidade sul da África. Partiu com duas caravelas, conseguindo atingir o sul daquele continente, abrindo para os portugueses o Caminho das Índias. Ao regressar, enfrentou tempestades muito fortes. Bartolomeu Dias, por esse motivo, batizou aquela ponta meridional da África como Cabo das Tormentas. Mais tarde o Rei D. João II denominou o local como Cabo da Boa Esperança.

Vasco da Gama, em 1497, já no reinado de D. Manuel I, orientando-se em princípio pelo caminho percorrido por Bartolomeu Dias, conseguiu alcançar, em 20 de maio de 1498, Calicute, na costa ocidental da Índia, uma das mais desenvolvidas cidades de comércio. Após o retorno de Vasco da Gama, D. Manuel organizou uma nova expedição para assegurar a supremacia do domínio português nas Índias, e difundir também a fé cristã.

Seguindo a recomendação de Vasco da Gama, para que a próxima expedição se afastasse do Golfo da Guiné, em direção à sudoeste, onde avistara aves marinhas, D. Manuel formou nova esquadra, considerada a maior de todas, composta de treze navios e mil e duzentos homens. Em 8 de março de 1500, esta frota partiu do Tejo, em direção ao Atlântico. Esta esquadra parece ter desconsiderado a recomendação de Vasco da Gama, afastando-se de sua rota. Acredita-se que seguia instruções de D. Manuel para seguir mais para o lado ocidental do Atlântico.



Pedro Álvares Cabral

O Ato Régio de D. Manuel, de nomeação do comandante desta frota, foi datado de 15 de fevereiro de 1500 e o designava como PEDRO ÁLVARES DE GOUVEIA. Esta denominação devia-se ao fato de não ser Pedro o filho primogênito, e por efeito do morgadio: o uso do sobrenome paterno só era permitido para o filho primogênito, de uma família em que havia bens vinculados. Por isso Pedro Álvares usava o sobrenome da mãe. Com o falecimento de seu irmão mais velho, Pedro, já em viagem, passa a assinar-se Cabral. Com o tempo, a transmissão da Conquista, feita em 22 de abril de 1500 pelo diplomata e ilustre navegador português, cresce de geração em geração, e este passa a reunir em torno de seu nome e pessoa, após sua morte, mais uma qualidade, entre muitas que possuía em vida, a de ser lembrado e exaltado como herói por duas Nações: Portugal e Brasil, e por dois povos irmãos, em muitos séculos.

A linhagem familiar de Pedro Álvares é tradicional, tanto por parte de pai, Fernão Cabral, como por parte de mãe, D. Isabel de Gouveia. Segundo historiadores, Pedro Álvares Cabral nasceu em Belmonte, ao pé da Serra da Estrela, região central de Portugal, em 1467, ou 68, e faleceu em Santarém, ao norte do Rio Tejo, em 1520, onde seus restos mortais e de sua esposa repousam na Igreja da Graça.

A ascendência nobre da família paterna de Pedro Álvares Cabral tem origem juntamente com a monarquia portuguesa. O nome mais antigo que se tem conhecimento é o de Pedro Aires Cabral, citado em 1271 como o cobrador de direitos reais de D. Afonso III. O tetravô, Álvaro Gil Cabral foi administrador do Castelo da Guarda, à época de D. Fernando e do Mestre de Avis.

As pesquisas revelam nomes importantes da família Cabral, principalmente na lealdade à Coroa Portuguesa, nos méritos pessoais, e em relação ao patriotismo pela defesa da independência nacional portuguesa. Tem-se notícia de seu bisavô Luiz Álvares Cabral, como escudeiro fidalgo de D. João I, secretário da casa do Infante D. Henrique e a primeira pessoa da família a ocupar o cargo de governador de Belmonte. O avô Fernão Álvares Cabral foi Guarda-Mor do Infante D. Henrique, perdendo a vida de maneira heróica no cerco de Tanger. O tio de Pedro Álvares, Gonçalo Velho Cabral descobriu os Açores e seu pai Fernão Cabral foi fidalgo da casa de D. Afonso V e dirigente judiciário, pertenceu também ao Conselho do Rei D. João II.

Pedro Álvares Cabral casou-se com D. Isabel de Castro, senhora de reconhecida cultura, filha de D. Fernando de Noronha e de D. Constança de Castro. D. Isabel era sobrinha do grande D. Afonso de Albuquerque, o segundo Vice-Rei da Índia e um dos mais ilustres conquistadores portugueses do século XVI. O casal Pedro e Isabel, segundo consta, teve os filhos: Fernão Álvares, An-

tônio, Constança, Guiomar, Isabel e Leonor. D. Isabel de Castro, após a morte do marido, tornou-se Camareira-Mor (cargo de confiança) da Infanta D. Maria, filha do Rei D. João III.

Pesquisas genealógicas de historiadores portugueses indicam que pertencem à linhagem de Pedro Álvares Cabral – Senhor de Belmonte, Alcaide-Mor de Azurara e descobridor do Brasil – as seguintes famílias portuguesas e espanholas, e por consequência suas ramificações no Brasil, que não estão citadas pela ordem genealógica: Aires, Albuquerque, Álvares, Bourbon, Bragança, Brandão, Brito, Cabral, Câmara Pereira, Castelo Branco, Castro, Coelho, Coutinho, Fernandes, Figueiredo, Gonçalves, Gouveia, Mello, Menezes, Noronha, Sanches, Santos, Telles, Vasconcelos, Vaz Caminha e outros.

Durante o período colonial, e mesmo depois, o fascínio das terras brasileiras foi responsável pela vinda de botânicos, cientistas e muitos artistas de além-mar, que estudaram a natureza tropical e inexplorada do Brasil, dando ensejo ao surgimento de muitos trabalhos de pintura sobre tela, desenhos, e obras científicas.

“As pesquisas revelam nomes importantes da família Cabral, principalmente na lealdade à Coroa Portuguesa, nos méritos pessoais, e em relação ao patriotismo pela defesa da independência nacional portuguesa.”

Bendita a paixão e coragem dos portugueses, espanhóis e outros povos que os levaram a enfrentar os oceanos.

Através das expedições exploradoras, marítimas ou terrestres, as culturas dos povos passaram por um processo natural de mistura, de entrosamento e coexistência, assim como as diversas etnias que se mesclaram.

No ano de 2000, que pela Carta de Caminha – verdadeira certidão de nascimento – comemorou-se quinhentos anos oficiais da Terra do Brasil, muitos enfoques diferentes foram dados, à época, em honra e memória ao feito de Pedro Álvares Cabral, e de todos aqueles que, antes dele, com ele e após, lançaram-se às grandes aventuras no mar de descobrimentos. Como exaltou certa vez Fernando Pessoa: “O mar que dividia, passou a unir”.

Torna-se necessário aqui, uma homenagem ao Infante D. Henrique, verdadeiro símbolo “divisor de águas” para a outra denominada “Idade Nova”. Um antigo do historiador português disse, certa vez, que as próprias iniciais de designação do

Infante D. Henrique (I.D.A.): “A” de Anrique (Henrique, em português arcaico), já o impelia para frente. Seguindo o sentido

desta inspiração é preciso dizer-se que ele Investiu, tomou Decisões acertadas e Aplicou os conhecimentos de sua Escola de Sagres e com isso pôde, através de metas e resoluções e, com firmeza, seguir os programas que conduziram ao destino português dos descobrimentos.

Por ser o mar uma referência histórica e econômica para o Brasil – País de grande extensão litorânea – é oportuno prestar-se uma homenagem à exemplar atuação da Marinha do Brasil, que sempre prestou relevantes serviços à Nação Brasileira, na defesa, preservação e integração de seu imenso litoral, inclusive, através de seus rios navegáveis, assegurando assim a nossa Soberania Nacional.

Hoje, decorridos mais de duas décadas após os 500 Anos do Descobrimento, esperamos que perpetue para nós brasileiros, a ideia e o exemplo da busca constante para a realização de um ideal, e que seja a motivação e a coragem, que nos levem em direção a um mundo melhor.

“Através das expedições exploradoras, marítimas ou terrestres, as culturas dos povos passaram por um processo natural de mistura, de entrosamento e coexistência, assim como as diversas etnias que se mesclaram.”



POEMA DE SETE FACES

BRUNO TERRA DIAS

Desembargador, ex-presidente da AMAGIS, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.



Poema de Sete Faces: fundamental, belo e misterioso. Essencial para compreender Drummond, sua essência e tudo que produziria. Ser esquerdo na vida é muito mais do que afirmação de oposição e o que um anjo torto anuncia é o avesso da tradição judaico-cristã do ambiente em que o grande poeta nasceu. As sete faces não correspondem aos sete dias da criação, nem poderiam corresponder a alguém cuja personalidade não foi anunciada por meritório habitante celestial. Não era religioso e muito menos cristão ou judeu, era possivelmente ateu, ou assim se confessava, e isso corresponde a dotar o número sete de significação fora de contexto bíblico e o nascimento, ao final, um acontecimento natural e que foge

a pretensões metafísicas. Drummond era, sobretudo, profundo, como são capazes os taciturnos, e físico, bem consolidado com as percepções que oferecem os sentidos, racional, sempre. No nascimento, uma ordem antinatural, “Vai Carlos! Ser gauche na vida”. Entusiasticamente contrário ao que se lhe seja imposto e oposto.

E tudo começa por medir a partir da sustentação dos corpos de argumentos e do que se passa na vida aparentemente comum de quem observa. Tarde azul, como seu conhecido azul de metileno, sacia muitos desejos de homens e mulheres, crianças e velhos, patrões e empregados, de tantos e de tudo que forma não apenas uma socie-

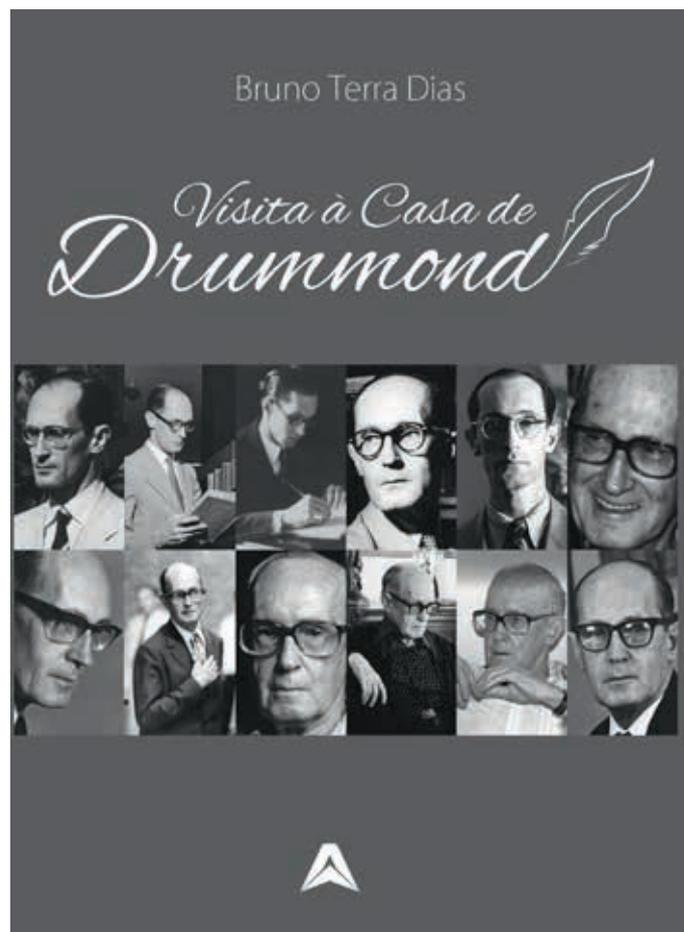
dade, porém um modelo civilizatório inteiro. E ainda assim, como espécie, a humanidade continua a repetir o que desde o início foi enredo de continuar e persistir, uma paisagem que se repete enquanto nada é o mesmo. Novas gerações se formam nas que serão ultrapassadas, a maioria para confirmar, alguns para contrariar, para atrasar ou seguir adiante rumo a um porvir que ninguém sabe o que será. Não há fórmulas, nem eterno retorno ou imortalidade, há apenas o momento em que se vive e aquele em que não mais será.

A cada qual sua função, sua especialidade e comunicação, porém não mais do que isso, do que resulta que toda deliberação é de segunda ou terceira mão. O sentido comunica ao cérebro com recursos da percepção e o cérebro interpreta com auxílio do que se denominou razão, ou logos, não há interpretação original e entre percepção e razão o resultado é de terceira mão. Tão mais velhos, mais distantes da pura percepção e mais afeitos à intermediação hermenêutica da história e da memória, que não são individuais, mas coletivas, não nos pertencem, são obra de todos os fracassos antecedentes. E o sucesso da repetição daquilo que todos fizeram, desde o advento da humanidade, para continuar e persistir, é o que forma o chão da construção do eu gauche, do personagem que cada qual encarna para dizer que vive sem saber o amanhã.

Toda personalidade tem suas circunstâncias, seus disfarces, aquilo atrás de que esconde sua verdade, da mais profunda à puramente superficial, a que se dá o nome de intimidade, porção protegida de conhecimento e de especulação. Há alguém

além do que permite enxergar o ilusório de sua roupa, dos adereços que dita a moda, da maquiagem que encobre cicatrizes e suas histórias, da sobriedade que distancia e da empatia que faz parecer uma pessoa tão próxima. É sempre possível notar, a menos que não se queira, que o que faz a pessoa não é o tom de voz e sua maneira de expressão, é algo mais além, algo exigente para se saber e conhecer, algo que nem todos estão dispostos ao sacrifício de saber, por isso que se contentam com a mera aparência. A que possibilidades encaminha a vontade de não saber, a disposição em evitar conhecer, a acomodação em nada querer que não seja um comezinho e desprezioso deixar para lá e esquecer? Nem tudo isso evita, no entanto, queiramos ou não, que diante de nós esteja alguém tão irrelevante quanto a humanidade, tão necessário quanto nosso parente ou consanguíneo.

A despeito de ser ateu, o mundo indaga de Deus, não por crença, talvez que por hábito ou conveniência. E perguntas fundamentais se fazem, a despeito de toda descrença em que algum dia será possível que se formule uma racional resposta. A certeza única é que a humanidade é fraca, débil, escassa e passageira, como ocorre a tudo quanto não seja permanente, a tudo que não seja mineral, puramente. Quem teria o triste descortino de criar o transitório apenas para que seja finito e se importe com um alvorecer que não lhe é reservado? Pior do que criar o transitório, abandoná-lo? A dúvida se extrema, pois do eterno não deveria advir o finito, como nada é diferente de mim, em finalidade ou intento, em existência e fenecimento, se de mim provém.



Visita à Casa de Drummond - autoria de Bruno Terra Dias

Há em todos, a despeito de toda desesperança e de tudo que desanima na certeza de encontrar seu ponto final, algo que ainda assim provoca interação e justifica para além da mera razão. Um sentimento de mundo e de universo, de cosmo tendente à perfeição. É uma esperança desprovida de fé, para os ateus, talvez seja a crença e a religião, para os demais, uma vontade de perpetuar, um arbítrio de ser sem incomodar que outro também seja. Existir exige amar com um vasto coração que acolha e agradeça, originalmente, ausente a mera repetição, o progresso da automação, reconhecimento de que há lugar para o incompreensível, o imponderável, o irreconhecível, a novidade!

E a novidade é a afirmação do eu, que não é eco ou simples continuação.

Todo desvanecer é fabulação, religiosa ou não, intelecto ou percepção, tudo angustia, se acompanhado de incompreensão ou de insuficiência, da transitoriedade da embriaguez proporcionada pela admiração solitária. O que se fizer é inútil, e, ainda assim, fazemos tudo novamente, nas circunstâncias jamais renovadas de cada momento. O que temos por representações do real, se são de fundamento em sonho ou em delírio, é irreal e, portanto, é nossa crença e nossa religião, ainda que sejam todos ateus.



Reflexões acerca das ações e práticas em Educação Patrimonial no Museu **CASA DOS CONTOS DE OURO PRETO**

GUILHERME QUEIROZ DE MACEDO

Professor, licenciado em História e Pedagogia – UFMG



A avaliação dos resultados da pesquisa da investigação do cotidiano das práticas educativas, que teve como foco uma visita orientada ao Museu da Casa dos Contos, durante a excursão de duas turmas dos alunos do turno da manhã do 1º ano do Ensino Médio de uma Escola da Rede Estadual de Ribeirão das Neves a Ouro Preto, nos remeteu a algumas conclusões e considerações finais, ainda que provisórias.

Colocamos, de um lado, para reflexão dos Educadores, das Escolas e dos Museus, no intuito de oferecer a nossa contribuição através de alguns subsídios iniciais, para o debate em torno da importância da implementação da metodologia da Educação Patrimonial nas Escolas e Museus. Ressal-

tamos, por outro lado, a importância da inclusão da referida metodologia nos cursos de formação inicial e continuada de Professores e Pedagogos, nas Universidades, Centros Universitários, Faculdades, Escolas e Institutos Superiores.

As interações educativas nos Museus, na perspectiva da metodologia da Educação Patrimonial, além de se constituírem como práticas sociais e culturais coletivas, trazem benefícios para a comunidade, na medida em que desenvolve a consciência cidadã em torno da importância da preservação do patrimônio histórico-cultural local, regional e nacional, contribuindo para a formação dos educandos enquanto sujeitos sócio-culturais, em um processo de aprendizagem que



é, ao mesmo tempo, pessoal e coletivo, conforme afirma o Guia de Educação Patrimonial: “O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e de cidadania (...) O diálogo permanente que está implícito neste processo educacional estimula e facilita a comunicação e a interação entre as comunidades e os agentes responsáveis pela preservação e estudo dos bens culturais, possibilitando a troca de conhecimentos e a formação de parcerias para a proteção e valorização desses bens”. (HORTA et alii: 1999, p. 6).

Muitos desafios foram enfrentados durante a realização da presente investigação e observação do cotidiano das práticas educativas no Museu da Casa dos Contos. Como observar e anotar ao mesmo tempo as interações entre os alunos e professores e destes com os professores durante o trajeto da excursão a Ouro Preto, feito em ônibus? Como observar e anotar simultaneamente a visita dos alunos nos diversos ambientes e salas do Museu da Casa dos Contos? Como observar e anotar as explicações do guia local e, ao mesmo tempo, as perguntas dirigidas pelos alunos em relação aos aspectos singulares da arquitetura e da arte religiosa do Barroco Mineiro, nas Igrejas e Museus de Arte Sacra e do Oratório? Como conhecer o trabalho realizado pelas Recepcionistas do Museu da Casa dos Contos e ao mesmo tempo observar a visita dos alunos? Como conhecer as particularidades, as especificidades e os desafios cotidianamente enfrentados no trabalho desenvolvido por toda a equipe do Museu da Casa dos Contos, na visão do Comitê Gestor que administra o Museu da Casa dos Contos e Centro de Estudos do Ciclo do Ouro, presidido pelo Dr. Eugênio Ferraz?

Na tentativa de contornar as dificuldades acima colocadas, optou-se por construir instrumentos de pesquisa, como questionários e entrevistas, com o objetivo de apreendermos um pouco mais sobre as diversas facetas do trabalho desenvolvido, tanto na visão do Museu da Casa dos Contos, quanto na visão da Escola e das professoras que realizaram a Excursão a Ouro Preto e, principalmente, escutando a voz, a fala e o discurso do aluno, público alvo e principal razão da discussão e do debate em torno da importância da implantação e da disseminação da metodologia da Educação Patrimonial em ações e práticas educativas no âmbito dos museus de Ouro Preto, de Minas Gerais e do Brasil.

A avaliação da experiência dos alunos e das educadoras em relação à visita ao Museu da Casa dos Contos tomou, como ponto de partida, as fichas de avaliação do aluno e do professor elaboradas pelo Centro de Educação Patrimonial do Museu Imperial, de que: “Em qualquer atividade de Educação Patrimonial, a avaliação da experiência pode trazer subsídios que possibilitem aos educadores enriquecer a aplicação da metodologia utilizada, verificando o nível de entendimento e compreensão dos alunos com o tema explorado. Um método possível para se fazer essa avaliação é o uso de questionários, aplicados aos professores e alunos, a partir da experiência vivenciada. Um exemplo de avaliação pode ser demonstrado por meio do material elaborado pelo Centro de Educação Patrimonial do Museu Imperial, a partir da atividade realizada com base na exposição temporária (...) Os questionários preenchidos após a visita permitiram avaliar: **aspectos relativos ao professor:** familiaridade com o Museu, intenção, motivação da visita, nível de preparação em sala de aula, conhecimento prévio do tema,



Casa dos Contos de Ouro Preto

*expectativa em relação à visita e aos resultados alcançados; **aspectos relativos ao aluno**: motivação, dificuldades, adequação da atividade ao tempo disponível, nível de entendimento do tema. O material de avaliação permitiu ainda verificar a qualidade do atendimento na percepção dos alunos e professores, as perspectivas de uso educacional, e receber comentários e sugestões". (HORTA et alii: 1999, p. 52).*

A análise das respostas aos questionários e entrevistas, teve como objetivo oferecer subsídios, ainda que preliminares, para o debate, nas Faculdades de Educação e Cursos de Licenciatura, nas Universidades, Centros Universitários, Faculdades, Escolas e Institutos Superiores, em torno da inclusão da mesma como disciplina, ainda que optativa, nos currículos dos

cursos de graduação em licenciatura e de Pedagogia, de formação inicial e continuada de Professores e Pedagogos.

Neste sentido, o Guia de Educação Patrimonial defende a multiplicação da metodologia da Educação Patrimonial, por meio da realização de Oficinas de Educação Patrimonial, junto aos Professores (as) e Pedagogos (as): “A metodologia da Educação Patrimonial pretende ser um instrumento valioso para o trabalho pedagógico dentro e fora da escola. Para alcançar a multiplicação das ideias e conceitos propostos no campo da educação sobre o patrimônio cultural é importante que se faça um treinamento com os agentes que irão desenvolver este trabalho nas escolas, nas associações de bairros, ou em qualquer espaço ou grupo social que se pretenda sensibilizar. Este treinamento pode ser realizado por meio de Oficinas de Educação Patrimonial,

que levarão os participantes a experimentar diretamente a metodologia de trabalho proposta, podendo assim avaliar a sua eficiência e potencialidade”. (HORTA et alii: 1999, p. 46).

Observou-se, durante a realização da investigação do cotidiano das ações e práticas educativas que o Museu da Casa dos Contos, embora não possua projeto pedagógico baseado na metodologia da Educação Patrimonial, disponibiliza uma equipe de 14 Recepcionistas em todas as suas salas e ambientes, orientados a fornecer todas as informações relativas aos acervos expostos em suas exposições permanentes e temporárias.

Por outro lado, embora não houvesse um roteiro prévio de visita às exposições permanentes e temporárias referente à exploração do acervo do Museu da Casa dos Contos, observamos que as atividades propostas no *Projeto Passeando e Aprendendo* foram trabalhadas previamente com os alunos em sala de aula, pelas Educadoras, cujos resultados foram apresentados pelos próprios alunos após a visita a Ouro Preto.

Na análise do *Projeto Passeando e Aprendendo*, percebemos a presença de atividades propostas, elaborados pelas Educadoras, que foram posteriormente desenvolvidas na Escola, contendo questões relativas e relacionadas aos componentes curriculares com os quais trabalham em uma Escola da Rede Estadual, de Ribeirão das Neves, com as turmas do 1º ano do Ensino Médio do turno da manhã (STARLING, 2002).

Os desdobramentos da visita, através da realização das atividades posteriores propostas no Projeto foram executadas após a realização da excursão a Ouro Preto, tendo ocorrido da forma prevista no mesmo e culminou na apresentação sobre *Os Contrastes e Contradições do Barroco Mineiro: Luz (Branco) X*

Trevas (Preto) ocorrendo da forma prevista dois sábados após a realização da excursão, durante o *Desfile da Primavera*, realizado na escola em setembro de 2007.

Os trabalhos de fotometria aplicada à arquitetura do Barroco Mineiro também foi desenvolvido, com a exposição das fotos montadas sobre figuras geométricas. A atividade de pesquisa sobre os metais e elementos químicos utilizados na fundição do ouro e da moeda e seus efeitos ambientais no mundo atual também foi realizada.

A ausência de roteiros prévios de visita ao acervo do Museu da Casa dos Contos, de um lado, dificultou a abordagem das Recepcionistas, uma vez que para as mesmas não estavam muito claros os objetivos da visita orientada, realizadas por algumas escolas públicas e particulares de nível fundamental e médio que, neste caso, percorrem rapidamente as salas e ambientes. Por outro lado, as escolas que prepararam previamente os alunos por meio de um roteiro prévio de pesquisa e relatório, consultaram com maior frequência as Recepcionistas que, por sua vez, responderam às questões, dúvidas e curiosidades colocadas no momento da realização da visita pelos (as) estudantes.

Neste sentido a obra *Guia de Educação Patrimonial* contem recomendações importantes aos Professores e Pedagogos com relação à preparação prévia das visitas (HORTA et alii, 1999, p. 58), de como envolver os alunos na visita ao centro histórico de Ouro Preto, ‘*cidade monumento e patrimônio mundial da humanidade*’, através da elaboração de folhas didáticas e roteiros, bem como da exploração das mesmas após a realização da visita e/ou excursão, em sala de aula, através de um enfoque interdisciplinar: “*De volta à sala de aula é possível analisar os dados coletados no local, reformulando os resultados a partir de pesquisas e discussões*



Escadaria da Casa dos Contos de Ouro Preto

posteriores e apresentando as conclusões de forma coletiva, com painéis, desenhos, mapas, gráficos, cronologias, exposições de objetos, maquetes, etc”. (HORTA et alii: 1999, p. 21).

O Guia chama a atenção para a educação do olhar e da percepção dos alunos, através da observação por meio das visitas orientadas e de campo (excursões) e que encontram na metodologia da Educação Patrimonial um de seus principais recursos: *“A preparação dos alunos em sala é essencial para que a visita ao Centro Histórico permita estimular a observação, introduzir a discussão e sensibilizá-lo em relação ao meio ambiente que o rodeia. Aprender, através do olhar não é necessariamente simples; desenvolver a habilidade da observação e interpretação do*

que nos rodeia auxilia a compreensão do mundo; isto requer tempo, prática e um esforço consciente que precisa ser desenvolvido por meio de exercícios e tarefas (HORTA et alii: 1999, p. 26)”.

O Guia critica a competição entre as disciplinas e currículos no espaço escolar, salientando que intervenções pedagógicas devem ser implementadas no sentido de valorizar a interdisciplinaridade: *“Os currículos escolares são comumente sobrecarregados, com disciplinas que competem entre si por limitação do tempo em sala de aula e pelas normas oficiais estabelecidas. Os objetos patrimoniais, os monumentos, os sítios e centros históricos, ou o patrimônio natural são um recurso educacional importante, pois permitem a ultrapassagem dos limites de cada disciplina, e o aprendizado*

de habilidades e temas que serão importantes para a vida dos alunos. Desta forma, podem ser usados como detonadores ou motivadores para qualquer área do currículo ou para reunir áreas aparentemente distantes no processo de ensino/aprendizagem (HORTA et alii: 1999, p. 36)”.

Através da revisão da literatura e bibliografia teórica acerca da aplicação da metodologia da Educação Patrimonial, bem como após pesquisas feitas no sítio eletrônico do Museu Imperial de Petrópolis – RJ observou-se que os Museus brasileiros de forma geral não dispõem de publicações com atividades didáticas de Educação Patrimonial, através da exploração de seus acervos, bem como não disponibilizam em seus sítios eletrônicos de informações e materiais didáticos e específicos.

A única exceção, na época da realização da visita (setembro de 2007) consistia no Centro de Educação Patrimonial do Museu Imperial de Petrópolis, que contava com informações sobre os projetos de Educação Patrimonial, desenvolvidos em sítio eletrônico e em publicações específicas, sendo que o trabalho pioneiro desenvolvido pelo Museu, desde o início da década de 1980, deu origem ao *Guia de Educação Patrimonial*, naquela época, praticamente a única referência bibliográfica disponível em língua portuguesa, existente no Brasil sobre a temática, que recentemente transformou-se em um programa da série Um Salto para o Futuro da TV Escola do Ministério da Educação – MEC (CUSTODIO, 2003).

Em uma rápida visita aos setores de publicações do Museu da Ciência e da Técnica da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP e do Museu da Inconfidência (criado em 1944 e administrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN), indagamos a respeito de publicações relaciona-

das à ação educativa nos respectivos Museus, e obtivemos resposta negativa.

Em relação ao Museu da Casa dos Contos, de Ferraz mencionou intenção de desenvolver um *projeto de jogos infantis para a Casa dos Contos (FERRAZ, 2004, p. 184)*. Como as duas principais exposições permanentes foram criadas por meio de convênios celebrados com o Banco Central do Brasil (Emissões em Papel Moeda e história dos planos econômicos do Brasil republicano) e com a Casa da Moeda do Brasil foram elaboradas cartilhas didáticas sobre economia (editadas pelo Banco Central do Brasil) e Educação Fiscal (editadas pela Escola de Administração Fazendária – ESAF), folhetos e prospectos sobre como identificar notas falsas e diferenciá-las das verdadeiras, que sempre são disponibilizadas aos visitantes como as intituladas: *Pode confiar que é Real, O que é o dinheiro?, O fantasma da inflação, O que são os bancos?*

Os limites encontrados durante a realização da investigação não frustrou as nossas expectativas, uma vez que tínhamos consciência do caráter incipiente em que se encontrava a discussão em torno da implementação de ações e práticas educativas baseadas na metodologia de Educação Patrimonial, nos Museus brasileiros, devido à falta de pessoal especializado, de recursos orçamentários, de materiais didáticos específicos, exceção feita ao Museu Imperial de Petrópolis – RJ, que contava inclusive com um Centro de Educação Patrimonial, com projetos pedagógicos de visitas orientadas, específicos para cada faixa etária e destinados a alunos (as) das escolas de ensino fundamental, médio e superior.

Salientamos que o Museu da Casa dos Contos, em relação aos demais Museus de Ouro Preto, oferecia diferenciais bastante significa-



Mobiliário do século XVIII

tivos, em seu atendimento ao público formal e informal, mantinha desde a sua revitalização ocorrida entre julho e dezembro de 2004, um quadro permanente de 14 recepcionistas, qualificados e treinados, que prestavam o devido esclarecimento de quaisquer dúvidas e questões relativas a seu acervo, forneciam informações aos visitantes e estudantes que frequentavam a Casa dos Contos de Ouro Preto.

O atendimento aos visitantes é outro fator que diferenciava o Museu da Casa dos Contos em relação aos demais Museus de Ouro Preto, porque oferecia um horário, bastante estendido e superior, de atendimento aos turistas, visitantes, pesquisadores e estudantes, inclusive aos sábados, domingos e feriados. A distribuição publicações sobre o acervo do Museu, por meio de um *kit* de onze *folde-res* e, adicionalmente *um folder do Circuito de Museus de Ouro Preto*, bastante explicati-

vos aos visitantes, proporcionavam uma visão completa do monumento, seu acervo e seus documentos históricos, bem como de suas principais atividades e eventos culturais.

A disseminação da metodologia da Educação Patrimonial e a sua implementação no cotidiano das ações e práticas educativas em Museus, no sentido de tornar-se instrumento de *alfabetização cultural* e de *leitura do mundo*, contribui sobremaneira para a formação do educando e do público visitante, na compreensão do universo sócio-cultural e da trajetória histórico-temporal em que se encontra inserido, bem como no seu enriquecimento coletivo e individual, através de um processo ativo e crítico de aquisição e troca de conhecimentos e de saberes.

A metodologia da Educação Patrimonial, de acordo com o Guia, é um ponto de chegada

e/ou de partida para a pesquisa e a aprendizagem em sala de aula, ultrapassando os muros da escola, incentivando o processo de descoberta dos alunos em sua comunidade “que capacite o aprendiz, enquanto cidadão, a melhor entender sua identidade cultural e a se “apropriar”, afetivamente e conscientemente, de seus valores e marcas próprias, de seu “patrimônio” pessoal e coletivo (CUSTÓDIO, 2003)”.

Durante a pesquisa de investigação do cotidiano das ações e práticas educativas no Museu da Casa dos Contos, constatou-se a não existência de um projeto pedagógico de visitas orientadas na perspectiva da metodologia da Educação Patrimonial, ausência também presente nos na maioria dos Museus de Ouro Preto, de Minas Gerais e do Brasil. A única exceção na época da realização da visita (setembro de 2007) era o Museu Imperial de Petrópolis, administrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, que dispunha de um Centro de Educação Patrimonial: “tomando como referência a metodologia da Educação Patrimonial, o Museu Imperial oferece ao público escolar atividades educativas que visam a exploração de aspectos do universo do século XIX”. **Projetos:** *Dom Ratão: um rato brasileiro no Palácio Imperial (existe um livro que pode ser utilizado opcionalmente em atividades antes e depois da visitação), Um Sarau Imperial, Caixa das Descobertas, Visitas Orientadas (Alunos de Ensino Fundamental, Médio, Superior). Veja no Guia de Educação Patrimonial os Projetos: Casamento na Corte, Visita ao Museu Imperial*”. Recentemente, acessamos o site atual do Museu Imperial e os projetos baseados na metodologia da Educação Patrimonial ainda existem e até foram ampliados em relação à época da realização da visita ao

Museu Casa dos Contos, em 2007. (<http://www.museuimperial.gov.br/educpat.htm>
<https://museuimperial.museus.gov.br/atividades-educativas-e-culturais/>)

O Museu da Casa dos Contos possuía, na época da realização da visita, mostras e exposições permanentes sobre a evolução histórico-econômica da moeda no Brasil Colônia, Imperial e Republicano, sobre a história das emissões em papel moeda e dos planos econômicos brasileiros do período republicano, o mobiliário do século XVIII, a memória da restauração de 1983/1984, a história social da escravidão através do contraponto entre os utensílios domésticos da Casa Grande, utilizados pelos escravos para servirem a seus proprietários e os instrumentos da Senzala, utilizados para infligir castigos, punições e torturas aos escravos (as), através da Exposição *A Arte Afro-Brasileira na Coleção de Toledo*.

As exposições permanentes do Museu da Casa dos Contos têm como objetivo principal apresentar a história econômico-fiscal e sócio-cultural do Ciclo do Ouro na então Capitania das Minas Gerais, durante o século XVIII, através das técnicas e dos principais instrumentos utilizados na fundição do ouro e da moeda, bem como mostrar a evolução econômica brasileira do período republicano recente através das emissões monetárias e dos planos econômicos, mostrar a vida cotidiana dos senhores e escravos de Vila Rica, através de seu mobiliário (sala de jogos e salão nobre no andar superior) e dos utensílios e instrumentos na senzala do subsolo da Casa dos Contos.

Os educandos e educadores estabeleceram interações educativas em todos os seus espaços e salas, através de suas exposições permanentes e temporárias, tendo



Senzala - Casa dos Contos

contado com o auxílio e a ajuda de uma equipe permanente de 14 recepcionistas na informação e no esclarecimento de todas as dúvidas e questionamentos dos visitantes, acerca do acervo exposto nas salas e nos ambientes da Casa.

Ressaltamos que uma das exposições temporárias, apesar da denominação, ainda permanecia no mesmo local há dois anos, desde outubro de 2005, uma vez que teve maior impacto junto ao público, nos revelando o que tem de mais educativo neste espaço, encontrando-se exposta na senzala do Museu Casa dos Contos. A exposição *A arte afro-brasileira na Coleção de Toledo*, estabelece um contraponto entre a vida cotidiana da Casa Grande e da Senzala, com utensílios de uso doméstico utilizados cotidianamente pelos escravos para servir a seus senhores, juntamente com os instrumentos utilizados

em castigos e torturas impostos pelos mesmos aos escravos. O contraste apresentado pelos diferentes objetos expostos na senzala do subsolo da Casa dos Contos surpreenderam todos os visitantes, não somente pela diversidade do acervo apresentado, mas pelo local marcante e evocativo da época escravidão no Brasil Colônia e Império aonde a mostra se encontrava em exposição.

Encontrava-se em fase de execução o projeto patrocinado pelo Programa Monumenta/UNESCO/BID, denominado de *Trilha Vale dos Contos*, cujo objetivo seria estabelecer interessantes interações educativas baseadas na conjugação das metodologias da Educação Patrimonial e da Educação Ambiental, através da realização de caminhadas e trilhas ecológicas, percorrendo ao mesmo tempo os espaços ecológico-ambientais e do patrimônio histórico-cultural de Ouro Preto.

O sítio eletrônico do Museu da Casa dos Contos e Centro de Estudos do Ciclo do Ouro, existente na época, era bastante interativo, informando ao visitante virtual, com acompanhamento de músicas barrocas do século XVIII, as origens históricas, exposições temporárias e permanentes e suas principais atividades, bem como os horários de funcionamento e orientações de como o visitante poderia chegar com facilidade a Ouro Preto, dentre outras informações relevantes e atinentes ao Museu e Centro de Pesquisas Históricas. (<http://www.esaf.fazenda.gov.br/casadoscontos> Acesso em 01 outubro 2007. O site atualmente não se encontra disponível para consulta.)

Referências Bibliográficas

CUSTODIO, Luiz Antonio Bocato. Educação Patrimonial. Disponível em <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/ep/index.htm>. Acesso: 01/10/2007.

FERRARI, Aída Lúcia. Educação Patrimonial. In: MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. Reflexões e contribuições para a Educação Patrimonial. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002 d, Lições de Minas, 23, p. 107-120.

FERRARI, Aída Lúcia. O Museu e a Educação Patrimonial. In: MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. Reflexões e contribuições para a Educação Patrimonial. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002 e, Lições de Minas, 23, p. 121-26.

FERRAZ, Eugênio. Jóia da Coroa. In: APM.

Revista do Arquivo Público Mineiro, v. 41, julho/dezembro 2005 a, p. 60-69.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Patrimônio Histórico e Cultural: um novo campo de ação para os professores. In: MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. Reflexões e contribuições para a Educação Patrimonial. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002 f, Lições de Minas, 23, p. 51-64.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina e MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. Reflexões e contribuições para a Educação Patrimonial. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002 a, 152 p., Lições de Minas, 23.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Cultura. Casa dos Contos. Série Museus Mineiros, n. 11, novembro/2001.

RANGEL, Marília Machado. Educação Patrimonial: conceitos sobre Patrimônio Cultural. In: MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. Reflexões e contribuições para a Educação Patrimonial. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002 g, Lições de Minas, 23, p. 15-36.

STARLING, Mônica Barros de Lima e SANTANA, Sylvana de Castro Pessoa. Metodologia de Projetos: o Patrimônio Cultural no currículo do Ensino Médio. In: MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. Reflexões e contribuições para a Educação Patrimonial. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002 h, Lições de Minas, 23, p. 91-106.

RESTAURAÇÕES SINGULARES NO BRASIL

e outras experiências acerca do patrimônio nacional



Projeto do Instituto Nacional de Desenvolvimento e Integração Cultural | INDIC, viabilizado por meio da Lei Federal de Incentivo a Cultura.

São dois volumes que versam sobre restaurações de importantes monumentos nacionais, mostrando em imagens e detalhes técnicos, aliado a aspectos históricos suas trajetórias e recuperações pelo país, resumindo algumas delas e detalhando a do Convento dos Mercedários e sua anexa Igreja das Mercês de Belém do Pará, no volume I e o Teatro Amazonas no volume II.

Contém, ainda, o primeiro volume, cópia de instigante processo judicial do século XIX, cujo resultado deu à Fazenda Nacional, por vários anos, a posse da Igreja. Discussão jurídica, na época da recém instalada república, recheada por conceitos que deram, posteriormente, origem ao Código Civil Brasileiro.

Para adquirir seu exemplar a preço promocional entre em contato: indic.br@gmail.com



Patrocínio | volume I



34 |

Patrocínio | volume II



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



memoriacult.com.br

A sua revista de cultura agora na internet.
Veja artigos veiculados nas edições impressas em atualizações constantes.

Curta nossa página
facebook.com/MemoriaCult



Mais informações: memoriacult@gmail.com